

# FLUXOS DE MIGRANTES E REMESSAS ENTRE O BRASIL E AS GUIANAS (GUIANA, GUIANA FRANCESA E SURINAME): O QUE SABEMOS?<sup>1</sup>

## FLUJOS DE MIGRANTES Y REMESAS ENTRE EL BRASIL Y LAS GUAYANAS (GUAYANA, GUAYANA FRANCESA Y SURINAM): QUE SABEMOS?

## FLOWS OF MIGRANTS AND REMITTANCES BETWEEN BRAZIL AND THE GUIANAS (GUYANA, FRENCH GUIANA AND SURINAME): WHAT DO WE KNOW?

Por HISAKHANA P. CORBIN<sup>2</sup> · DIEGO ANDREWS HAYDEN<sup>3</sup>

### Resumo

Este artigo aborda o tema da migração e remessas no contexto de Brasil-Guianas (Guiana, Guiana Francesa e Suriname). Para sua elaboração, além de uma revisão bibliográfica dos estudos sobre a migração de brasileiros para as três Guianas, foram utilizados dados de múltiplas fontes, inclusive do Censo Demográfico do Brasil de 2010 e do Banco Mundial. Observamos uma alta migração de retorno entre brasileiros que migram para as Guianas. A própria proximidade geográfica e fronteiras porosas permitem o fácil acesso dos migrantes às Guianas. No caso da Guiana e do Suriname, não há nenhuma exigência de visto para algumas categorias de entrada temporária. Muitos desses migrantes encontram-se num mercado de trabalho informal nas Guianas. Milhões de dólares americanos são enviados ao Brasil pelos migrantes. Migrantes ilegais são forçados a enviar remessas por canais informais. Esse desafio e a não contabilização de remessas não monetárias, inclusive eletrodomésticos e roupas, trazidos das Guianas, levam a uma alta subestimação do verdadeiro valor de remessas enviadas das Guianas para a Região Amazônica do Brasil. Devido à escassez de estudos e informações

<sup>1</sup> Gostaríamos de agradecer o apoio do programa PRODOUTOR, da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação (PROPEP)/UFPA ao nosso projeto em andamento "Migração e remessas na Pan-Amazônia: o caso Brasil-Guianas (Guiana, Suriname e Guiana Francesa)".

<sup>2</sup> Doutor em Ciências, área de concentração em Desenvolvimento Socioambiental, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará (NAEA/UFPA). Professor e pesquisador do NAEA/UFPA. E-mail: [hisacorbin@hotmail.com](mailto:hisacorbin@hotmail.com)

<sup>3</sup> Graduado em licenciatura e bacharelado em Geografia e graduando em Tecnologia em Geoprocessamento, Universidade Federal do Pará. E-mail: [andrews.2087@hotmail.com](mailto:andrews.2087@hotmail.com)

nesta área de conhecimento, objetivamos contribuir para o entendimento deste fenômeno que é atual e merece maior atenção tanto dos formuladores de políticas quanto da comunidade acadêmica.

**Palavras-chave:** Migração. Remessas. Guiana. Guiana Francesa. Suriname.

### **Resumen**

Este artículo aborda el tema de la migración y remesas en el contexto de Brasil-Guayanas (Guayana, Guayana Francesa y Surinam). Para su elaboración, fueron utilizados, además de una revisión bibliográfica de los estudios sobre la migración de brasileños a las tres Guayanas, datos de múltiples fuentes, incluso del Censo Demográfico de Brasil de 2010 y del Banco Mundial. Observamos una alta migración de retorno entre brasileños que migran a las Guayanas. La propia proximidad geográfica y las fronteras porosas permiten el fácil acceso de los migrantes a las Guayanas. En el caso de Guayana y Surinam, no hay ninguna exigencia de visado para algunas categorías de entrada temporal. Muchos de estos migrantes se encuentran en un mercado de trabajo informal en las Guayanas. Millones de dólares estadounidenses son enviados a Brasil por los migrantes. Los migrantes ilegales se ven obligados a enviar remesas por canales informales. Este desafío y la no contabilización de remesas no monetarias, incluyendo electrodomésticos y ropa, que salen de las Guayanas, hacen difícil poder establecer el verdadero valor de las remesas enviadas desde las Guayanas a la Región Amazónica de Brasil. Debido a la escasez de estudios e informaciones en esta área de conocimiento, este trabajo puede contribuir al entendimiento de este fenómeno que se está produciendo actualmente en esta región y merece mayor atención tanto por los formuladores de políticas como por la comunidad académica.

**Palabras clave:** Migración. Remesas. Guayana. Guayana Francesa. Surinam.

### **Abstract**

This paper focuses on migration and remittances in the context of Brazil - Guianas (Guyana, French Guiana and Suriname). In addition to a bibliographical review of studies on the migration of Brazilians to the three Guianas, data from multiple sources were used, including the 2010 Demographic Census of Brazil and the World Bank. We observed a high level of return migration among Brazilians who migrate to the Guianas. The geographical proximity and porous borders allow easy access to the Guianas. In the case of Guyana and Suriname, there is no visa requirement for some categories of temporary entry. Many illegal migrants work in the informal sector. Millions of US dollars are sent to Brazil by migrants. Illegal migrants are forced to send remittances through informal channels. This challenge and the non-accounting of non-monetary remittances, including household appliances and clothing brought from the Guianas, leads to a high underestimation of the true value of remittances sent from the Guianas to the Amazonian region of Brazil. Due to the scarcity of studies and information in this area of knowledge, we aim to shed some light on this phenomenon, which is current and deserves more attention by both policy makers and the academic community.

**Keywords:** Migration. Remittances. Guyana. French Guiana. Suriname.

## INTRODUÇÃO

Apesar da tendência crescente da migração de milhares de brasileiros para as Guianas (Guiana, Guiana Francesa e Suriname) e o retorno frequente deles para o Brasil, a questão de remessas foi pouco mencionada na literatura existente sobre migração de brasileiros para essas três Guianas (OLIVEIRA, 2013; CORBIN, 2012b; AROUCK, 2002). Para esse artigo adotamos a definição de remessas de Bascom (1990, p. 3):

transfers made from earnings and/or accumulated stock of wealth by individuals who are residents in a foreign country on a temporary or permanent basis [...] to their countries of origin for dependent support, investment or any other purpose.

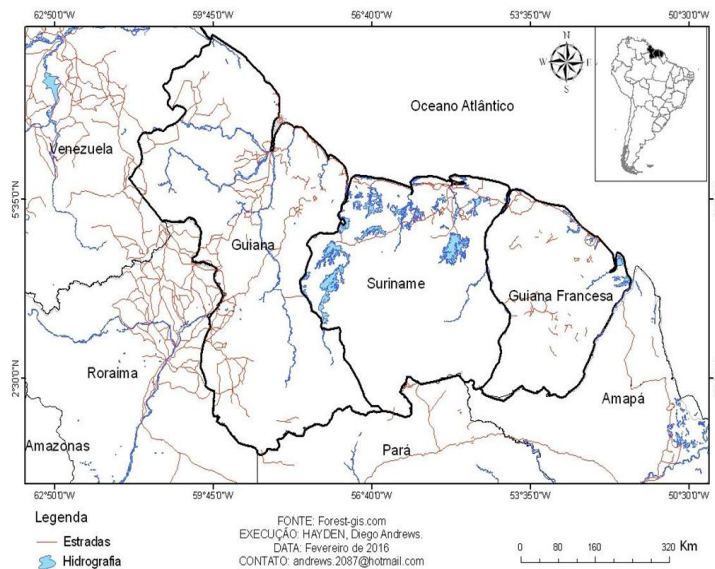
Essas transferências podem ser monetárias e não monetárias (CORBIN, 2012b). Em relação ao Produto Interno Bruto (PIB), a região da América Latina e Caribe (ALC) é identificada como a maior receptora mundial de remessas (TERRY; WILSON, 2005). Para muitos países de baixa renda, como Guiana, Honduras, El Salvador e Jamaica, o fluxo de remessas, que entram nesses países, representa uma parte significativa do seu PIB (CORBIN, 2013; TERRY; WILSON, 2005). Mas, esses países, como as Guianas, também remetem principalmente para países limítrofes, como Brasil, com os quais existe uma tendência crescente de migração sazonal e cíclica há décadas (CORBIN, 2012a; PINTO, 2012; AROUCK, 2002). Nesse contexto, migração e remessas são o foco desse artigo. Assim, pretende-se contribuir para a literatura existente, considerando a evidente falta de detalhes sobre remessas enviadas ao Brasil em função dos fluxos de migrantes brasileiros para as Guianas num contexto integrado e amazônico.

Após detalhar os fluxos de migrantes da Região Amazônica brasileira para as Guianas, abordamos a questão das remessas enviadas das Guianas para o Brasil. Concluimos com as considerações finais.

## A MIGRAÇÃO DA AMAZÔNIA BRASILEIRA PARA AS GUIANAS

Os territórios que compõem as Guianas (Guiana, Suriname e Guiana Francesa) estão localizados no norte da América do Sul (Mapa 1).

**Mapa 1 - Localização das Guianas na América do Sul**



Fonte: elaborado por Hayden, com base em forest-gs.com, 2016

A Guiana e o Suriname são ex-colônias inglesa e holandesa, respectivamente, enquanto a Guiana Francesa continua sendo um Departamento Ultramarino Francês.

Esta região possui características históricas e culturais que a diferenciam dos demais países que compõem a Pan-Amazônia<sup>4</sup> e mesmo da América do Sul, por possuir relações mais acentuadas com o Caribe (AROUCK, 2002; JUBITHANA-FERNAND, 2009; CORBIN, 2012b; OLIVEIRA, 2013; ARAGÓN, 2014), e de certa forma com a Europa, o que pode mostrar sua importância geopolítica devido a essas relações (ARAGÓN, 2013), além de representar um ponto de junção entre as geopolíticas caribenhas e sul-americanas (CHAVES, 2016).

No contexto migratório das Guianas, observamos vários estudos que apontam uma tendência crescente quanto à migração de brasileiros, principalmente da região da Amazônia brasileira<sup>5</sup>. Os dados do censo demográfico de 2010 mostram que dos Estados que compõem a Amazônia brasileira, Pará (26,4%), Maranhão (18,3%), Mato Grosso (15,8%) e Rondônia (15,2%) são os que enviam maior número de emigrantes para o exterior<sup>6</sup>. Desses emigrantes, a Europa recebeu 52,5%, seguida de países da América do Sul, com 29,7% (Tabela 1).

<sup>4</sup> Para esse trabalho a Pan-Amazônia é considerada como o conjunto de territórios amazônicos da Bolívia, do Brasil, da Colômbia, do Equador, da Guiana, do Peru, do Suriname, da Venezuela e da Guiana Francesa.

<sup>5</sup> Para esse trabalho, a Amazônia brasileira é considerada o conjunto dos seguintes estados: Acre, Amazonas, Amapá, Mato Grosso, Maranhão, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins.

<sup>6</sup> Foram utilizados os dados do censo brasileiro de 2010 referentes a membros de domicílios residentes no exterior no momento do censo. Portanto, os emigrantes, neste estudo, são aqueles membros de domicílios no Brasil que no momento do censo residiam no exterior. Esse dado não cobre o

Estados amazônicos	Ásia	América do Norte	América do Sul	América Central	África	Europa	Oceania	Ignorado/Não sabe país estrangeiro	Total
Rondônia	31	1.871	1.344	25	44	5.230	14	29	8.588
Acre	13	53	1.023	27	-	205	-	-	1.321
Amazonas	189	762	1.284	68	47	1.749	28	-	4.127
Roraima	-	38	1.236	3	8	88	-	-	1.373
Pará	98	2.474	4.125	59	164	7.890	74	33	14.917
Amapá	8	-	1.268	8	1.073	-	-	2.357	
Tocantins	23	506	334	22	63	3.590	20	-	4.558
Maranhão	17	743	4.341	105	188	4.831	59	25	10.309
Mato Grosso	81	1.688	1.865	17	77	5.015	144	12	8.899
<b>Total</b>	<b>460</b>	<b>8.135</b>	<b>16.820</b>	<b>326</b>	<b>599</b>	<b>29.671</b>	<b>339</b>	<b>99</b>	<b>56.449</b>

**Tabela 1** - Estados da Amazônia brasileira de emigração por continente de destino, segundo o censo de 2010

**Fonte:** o autor

É preciso salientar, também, que os migrantes da Amazônia brasileira que rumam aos países da Pan-Amazônia representam 92,7% dos emigrados na América do Sul, em 2010 (Tabela 2), o que claramente mostra uma tendência de migração entre o Brasil e os países limítrofes.

**Tabela 2** - Estados da Amazônia brasileira de emigração com destino à América do Sul, destacando os países amazônicos, 2010

Estados da Amazônia brasileira	América do Sul	Países amazônicos*	% dos emigrantes em países amazônicos em relação aos emigrantes na América do Sul
Rondônia	1.344	1.314	97,7
Acre	1.023	1.003	98,0
Amazonas	1.284	1.119	87,1
Roraima	1.236	1.218	98,5
Pará	4.125	3.816	92,5

total de emigrantes, porque depende da capacidade dos entrevistados, no momento do censo, de reportar os membros do domicílio residentes no exterior, e também porque a informação não existe quando todos os membros do domicílio emigraram.

Amapá	1.268	1.218	96,0
Tocantins	334	266	79,6
Maranhão	4.341	4.181	96,3
Mato Grosso	1.865	1.468	78,7
<b>Total</b>	<b>16.820</b>	<b>15.603</b>	<b>92,7</b>

Fonte: Censo IBGE, 2010

**Nota:** \* Incluindo a Guiana Francesa

Dos países que compartilham a Amazônia, notoriamente, o Suriname (29,4%), a Bolívia (26,9%) e a França/Guiana Francesa (22,3%), que representam em conjunto 78,6% (13.487), são os maiores receptores de migrantes da Amazônia brasileira. Interessante é o fato de que conjuntamente o Suriname e a Guiana Francesa acolhem 58,2% dos emigrantes da Amazônia brasileira, em 2010 (Tabela 3).

**Tabela 3** - Emigração dos Estados da Amazônia brasileira com destino a países amazônicos, 2010

Estados da Amazônia	Bolívia	Colômbia	Equador	Guiana Francesa	Guiana	Peru	Suriname	Venezuela	Total
Rondônia	1.211	42	-	20	16	10	-	12	1.312
Acre	908	-	-	-	-	87	-	80	1.075
Amazonas	159	298	21	21	75	106	62	373	1.115
Roraima	29	-	-	48	470	-	149	520	1.216
Pará	416	54	-	1.309	193	-	1.416	426	3.814
Amapá	34	-	-	999	-	-	1.650	19	2.702
Tocantins	139	7	-	40	7	-	41	30	264
Maranhão	451	10	15	1.337	352	6	1.693	313	4.177
Mato Grosso	1.263	34	21	63	2	26	28	27	1.464

---

<b>Total</b>	<b>4.611</b>	<b>445</b>	<b>57</b>	<b>3.837</b>	<b>1.115</b>	<b>235</b>	<b>5.039</b>	<b>1.800</b>	<b>17.139</b>
--------------	--------------	------------	-----------	--------------	--------------	------------	--------------	--------------	---------------

---

**Fonte:** Censo IBGE, 2010.

É possível pensar que a emigração das UF da Amazônia brasileira para países amazônicos obedeça à proximidade da fronteira, conforme aponta a literatura existente (PINTO, 2012; AROUCK, 2002; CORBIN, 2012a; OLIVEIRA, 2013).

Para superar a indisponibilidade de dados sobre imigrantes brasileiros nos últimos censos das Guianas, buscamos dados do Banco Mundial, referentes a 2010, os quais revelaram que 1.467, 28.560 e 6.783 brasileiras residiam na Guiana, na França<sup>7</sup> e no Suriname (WORLD BANK, 2010). Apesar de não existir uma discrepância alta quanto à Guiana e ao Suriname, não existem dados desagregados para o caso da Guiana Francesa e da França. No entanto, dados de ambas as fontes, World Bank (2010) e Censo Brasileiro (2010), indicam que existem maiores concentrações de brasileiros no Suriname e possivelmente na Guiana Francesa. Mas, a ausência de dados sobre a mobilidade recíproca nas fronteiras, além das entradas e saídas clandestinas, realmente apresentam um desafio para os estudos migratórios nessa região.

No caso da Guiana, observamos uma entrada bem mais elevada do que é registrado nos censos demográficos do Brasil (Tabela 4), mas é sempre seguida pela alta saída (retorno), o que leva a um saldo migratório até inferior do que foi registrado no censo brasileiro de 2010 e no banco de dados do Banco Mundial em 2010.

**Tabela 4 - Saldo migratório de brasileiros na Guiana, 2009-2015\***

<b>Anos</b>	<b>Entrada</b>	<b>Saída</b>	<b>Saldo</b>
2009	11895	7727	4.168
2010	7713	7302	411
2011	12738	11951	787
2012	14556	13976	580
2013	14288	13699	589
2014	7930	7335	595
2015	2197	1891	306

**Fonte:** Guyana Immigration Department, 2015.

<sup>7</sup> Não há dados desagregados para a Guiana Francesa e a França. Então, usamos o agregado para a França.

**Nota:** \* Dados apresentados para o período de 01.01.2009 a 23.03.2015

Com essa realidade, quanto à migração fronteiriça, insistimos que dados censitários devem ser usados como pistas para estudos empíricos mais aprofundados, devido à alta mobilidade cíclica e sazonal que caracteriza a migração brasileira para as Guianas.

Ao comparar a emigração dos Estados da Amazônia brasileira por sexo, é possível perceber uma diferença da emigração amazônica em relação à emigração do país como um todo. Todas as regiões brasileiras enviam uma quantidade maior de mulheres para as diversas partes do mundo enquanto a Região Amazônica envia principalmente homens. Este fato pode dever-se às árduas travessias pela fronteira e à atividade garimpeira, na qual a mão de obra masculina é especialmente necessária, como apontam Pinto (2012), Arouck (2002), Corbin (2012a) e Oliveira (2013).

No que se refere à emigração por sexo para países amazônicos, há uma mudança de padrão, pois enquanto relacionado à emigração Brasil-mundo, em 2010, as mulheres representam 53,9% (302.611), os homens representam 46,1%. Já nos países amazônicos, o censo de 2010 registrou uma predominância de homens no processo migratório (Tabela 5).

**Tabela 5** - Emigração da Amazônia brasileira com destino a países amazônicos por sexo, 2010

Países de destino	Homem	Mulher	Razão de sexo
Bolívia	5080	3712	136,8
Colômbia	798	531	150,2
Equador	311	152	204,6
Guiana	751	432	173,8
Guiana Francesa	2426	1674	144,9
Peru	941	784	120
Suriname	2187	1633	133,9
Venezuela	1620	1445	112,1

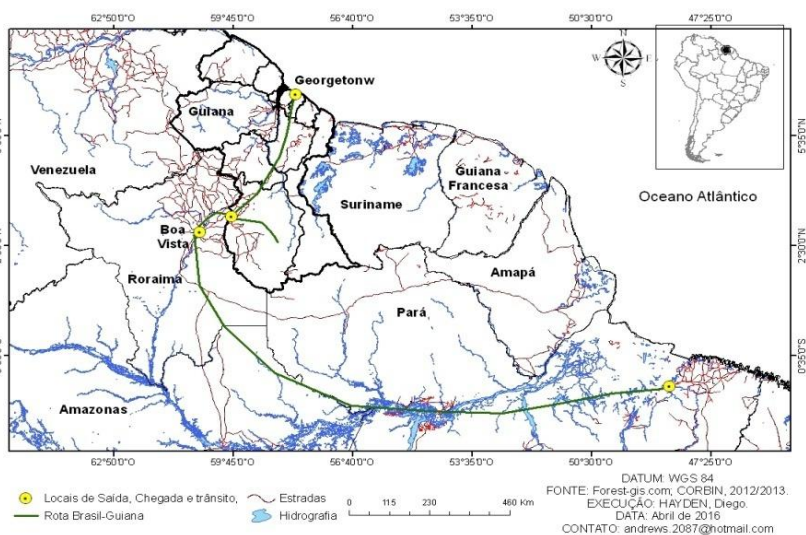
**Fonte:** Censo IBGE, 2010.

Como podemos observar, a Bolívia é o país amazônico com maior contingente migratório da Amazônia brasileira em números absolutos, enquanto o Equador contou com a taxa maior de 204,6 homens por 100 mulheres. Seguindo Equador é a Guiana com 173,9 homens por 100 mulheres. Corbin (2012a) explica que na Guiana existe maior demanda para mão de obra masculina na comunidade de garimpagem e que a seletividade de mulheres acima de 30 anos de idade é para cumprir outras atividades, inclusive de domésticas, na comunidade brasileira.



A Guiana faz fronteira com o Brasil (Pará e Roraima), a Venezuela e o Suriname possuindo costa no oceano Atlântico. Os principais grupos de migrantes da Amazônia brasileira que rumam à Guiana são dos Estados do Maranhão, do Pará e de Roraima, e atravessam principalmente por Lethem-Bomfim (Mapa 2). Eles migram, principalmente, por motivos econômicos e facilitam a circulação de pessoas e bens através das fronteiras geopolíticas.

**Mapa 2 - Rotas e caminhos de emigrantes do Pará para a Guiana**



**Fonte:** elaborado por Hayden, com base em forest-gs.com, 2016

Participam nesse processo migratório garimpeiros, trabalhadores domésticos, comerciantes, trabalhadas de sexo e até missionários religiosos (CORBIN, 2012a).

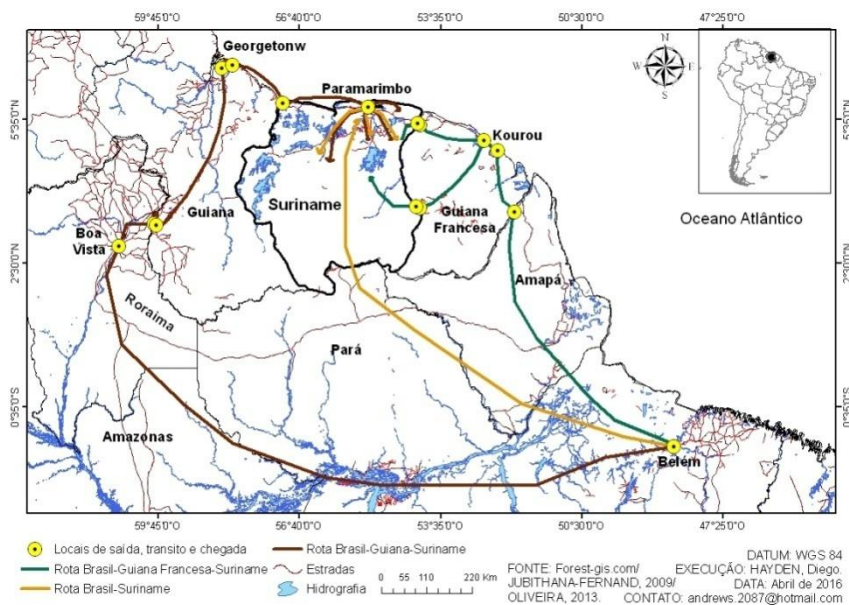
O Suriname está localizado ao norte da América do Sul, e faz fronteira com a Guiana, a Guiana Francesa e o Brasil (Estado do Pará). Até 2009, a indústria extrativista, inclusive exploração de petróleo e mineração de bauxita e ouro, representou cerca de 90% da receita de exportação do país (IDB, 2011). Avaliando o comportamento da economia do país, o IDB (2011) alegou que, na época, o aumento sustentado dos preços das *commodities* minerais atuou como um desincentivo à diversificação econômica.

Segundo Jubithana-Fernand (2009), nos últimos 20-25 anos, essa atividade tem ganhado grande visibilidade dos migrantes, principalmente brasileiros, devido ao aumento do preço do ouro no mercado internacional, especialmente, após a restauração da democracia no país. Tal atividade provocou o aumento do fluxo de migrantes (principalmente dos ilegais), que se localizam sobretudo no interior do país, destacando guianeses, chineses e principalmente brasileiros<sup>8</sup> (oriundos especialmente do Maranhão e do Pará) (JUBITHANA-FERNAND, 2009, p. 192). Essa mobilidade é parecida com o que Corbin (2012a) relatou sobre a formação de uma comunidade garimpeira na Guiana.

<sup>8</sup> Os brasileiros ilegais estão localizados principalmente nos distritos de Paramaribo, Brokopondo, Sipaliwini e Marowijne (JUBITHANA-FERNAND, 2009, p. 192).

Jubithana-Fernand (2009) salientou que numa pesquisa realizada pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil em 2008, identificaram-se algumas características de brasileiros no Suriname, destacando: baixo nível escolar, entrada ilegal e duradoura no país, onde os homens geralmente trabalham no garimpo e as mulheres com serviços domésticos ou como trabalhadoras do sexo, transitando entre Guiana Francesa e Suriname (JUBITHANA-FERNAND, 2009, p. 201; OLIVEIRA, 2013). Os brasileiros utilizam rotas diversas desenhadas a partir da posse ou não de documentação, de capital e de contatos preestabelecidos e estratégias variadas. Nesse caso, há uma grande procura por pontos na fronteira onde a fiscalização é deficiente ou nula, independentemente da infraestrutura (Mapa 3).

**Mapa 3** - Rotas e caminhos de emigrantes do Pará para o Suriname



**Fonte:** elaborado por Hayden, com base em forest-gs.com, 2016

As rotas que seguem rumo ao Suriname são produzidas de forma *espontânea* e se juntam às planejadas e criadas oficialmente pelo Estado. Estas se espraiam e formam uma rede que percorre outros Estados nacionais (Guiana e Guiana Francesa), principalmente, de forma terrestre-fluvial.

Segundo Jubithana-Fernand (2009) e Oliveira (2013), as rotas de emigrantes do Pará para o Suriname seguem três trajetos. Primeiro, saindo do Estado do Pará (Belém) pelo município do Oiapoque, passando por Caiena, Kourou, Saint-Laurent Du Maroni, Maripasoula, todas na Guiana Francesa, rumo, principalmente, às áreas de garimpo localizadas em Brokopondo, Sipaliwini, mas também a Paramaribo para atividades industriais e empresariais. Segundo, saindo também principalmente do Pará (Belém), passando por Roraima (Boa Vista) e pela cidade de Bonfim, seguindo pelo rio Tacutu, passando por Lethem, Essequibo e Georgetown, localizadas na

Guiana, e por Nickerie, rumo aos garimpos de Brokopondo, Sipaliwini e a capital Paramaribo. Terceiro, a rota menos utilizada, a via aérea, que sai direto da cidade de Belém rumo à capital surinamesa, seguindo posteriormente para as áreas de garimpos citadas acima. Corroborando a rota por Boa Vista (Roraima)-Lethem, Corbin (2016) notou que:

A Guiana é país de destino e trânsito para migrantes brasileiros. [...] apresenta o itinerário de vôos e conexões de Lethem para outras áreas na Guiana e para o Suriname via Aeroporto Ogle, em Georgetown (Guiana). [...] A inauguração da ponte internacional e do Aeroporto Internacional Ogle na Guiana marcou mais um momento de mudança na organização do processo migratório de brasileiros em direção ao Suriname. Devemos lembrar que houve um processo de mobilidade populacional intenso entre Guiana e Suriname, principalmente com a instauração do ferry service (Figura 7) no rio Corentyne que separa os dois países, fruto do acordo bilateral entre os dois países de 1979, para abrir uma embaixada de Suriname em Georgetown e também para combater o comércio ilícito (JACKSON, 2003). [...] Em 2013, estima-se que 72.000 mil pessoas utilizaram o serviço anualmente, pagando uma taxa de US\$15.00 de ida ou US\$30.00 para ida e volta. No momento, essa é uma das principais rotas para a migração de brasileiros para o Suriname que não optam por vôos diretos de Belém (Pará) ou de Boa Vista (Roraima), mas que preferem explorar possibilidades na Guiana antes de seguir para o Suriname. Também existem outros brasileiros que usam a Guiana somente como país de trânsito sem interesse em explorar opções de emprego, antes de retornar ao Brasil (CORBIN, 2016, p. 160-162).

Apesar dessa intensa mobilidade populacional na fronteira Guiana-Suriname, pouco sabemos sobre o processo de migração e retorno de brasileiros nessa fronteira. De maneira igual, pouco sabemos sobre as mobilidades recíprocas de nacionais de outros países, inclusive da Guiana, do Suriname e da Guiana Francesa na fronteira Guiana-Suriname.

Diferente da Guiana e do Suriname, que são países independentes de domínio inglês e holandês, respectivamente, a Guiana Francesa é um Departamento Ultramarino da França (DUF) que está localizado ao norte da América do Sul. Esse DUF impulsionou, nas décadas de 1950 a 1970, um grande contingente migratório, oriundo principalmente do Amapá e do Pará, mas também de outros países amazônicos que viajaram rumo a novas oportunidades e melhores condições de vida em momentos de abundante oferta de emprego, principalmente, na construção civil para a construção do Centro Espacial da Guiana (CEG) e de Kourou (AROUCK, 2002).

Nessa época, segundo Arouck (2002), as autoridades francesas organizaram, inclusive, uma imigração de mão de obra estrangeira dos países vizinhos, em especial da Colômbia e do Brasil, independentemente do *status* do migrante, para diversos setores da economia, servindo aos interesses econômicos e políticos do sistema colonial francês, pois eram considerados indispensáveis ao desenvolvimento regional.

A partir de 1990, a migração é intensificada para a Guiana Francesa para áreas de garimpo e para as

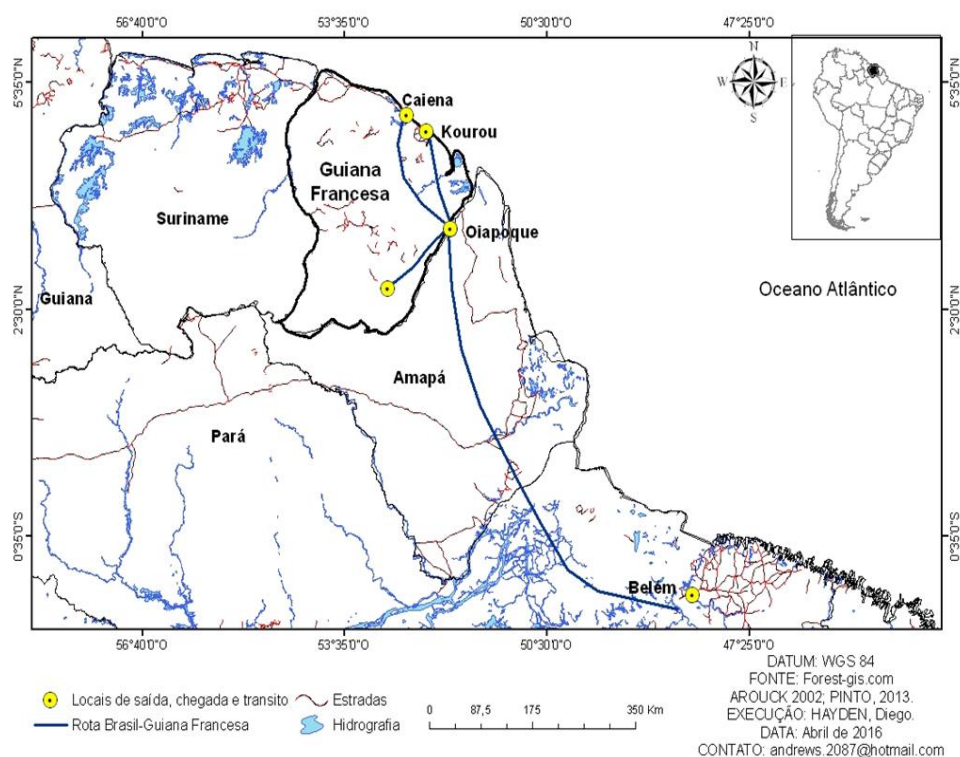
idades de Kourou e Caiena. Segundo Pinto (2013), ainda apresenta velhos formatos e antigas configurações, que sempre caracterizaram estas ondas migratórias, como: baixo nível cultural dos migrantes, períodos curtos de permanência em solo francês, que variam de seis meses a um ano, e grande número de imigrantes ilegais. No entanto, algumas mudanças aparecem, como: aumento da presença de mulheres brasileiras no mercado de trabalho local, maior preocupação dos trabalhadores com a parte documental; redimensionamento em termos de postos de trabalho, como por exemplo, maior presença de brasileiros no setor de serviços (PINTO, 2013, p. 113).

Um fato importante dos migrantes neste DUF é o que Soares, Oliveira e Pinto (2011) chamam de lógica de desqualificação, tanto pelo baixo nível cultural quanto pela pouca escolaridade, não só entre novos imigrantes, na maioria ilegal, como entre a primeira geração de brasileiros na Guiana Francesa. No entanto, Pinto (2013) alega que a existência da proteção social, por parte do Estado francês, e a lucratividade da exploração de ouro no sul da Guiana Francesa são fatores principais que levam brasileiros a migrar.

Nos últimos anos, o governo francês determinou maiores exigências para renovação de documentos. Estas medidas foram aplicadas tanto para migrantes que apresentavam pedidos de regularização pela primeira vez, quanto para os que trabalhavam na Guiana Francesa há mais de vinte anos e que já estiveram na condição de legalizados (MARTINS; RODRIGUES, 2012, p. 339-340).

Segundo Aragón (2014), a Guiana Francesa hoje é o foco mais dinâmico da migração internacional na Amazônia, devido à exploração do ouro e ao fato da Guiana Francesa ser um território europeu, garantindo assim benefícios sociais e econômicos diferenciados em relação ao restante da Amazônia. O perfil desses migrantes atualmente, segundo aponta Pinto (2013), é principalmente de homens e mulheres jovens com algum grau de parentesco ou amizade no país em que se encontram desempregados e que atuavam no Brasil como: mecânicos, pintores, artesãos, artistas populares, atletas, cozinheiros, entre outros, oriundos principalmente do Estado do Pará (Mapa 4), mas também do Amapá e do Maranhão.

**Mapa 4 - Rotas e caminhos de emigrantes do Pará para a Guiana Francesa**



**Fonte:** Elaborado por Hayden, com base em forest-gs.com, 2016

É importante frisar que estes migrantes atuais que rumam à Guiana Francesa, à Guiana e ao Suriname participam de uma rede bem consolidada de parentes/família e/ou amigos que já migraram para esses países e que desempenham um papel importante no processo migratório e de adaptação, como foi apontado por Arouck (2002), Corbin (2012a; 2016), Oliveira (2013) e Pinto (2013). A presença dessa rede social e a realidade de que as três Guianas são países de destino e trânsito para migrantes brasileiros que se encontram em alta mobilidade recíproca por via aérea, rodoviária/estrada e fluvial, seja para visitar parentes/família, seja em busca de novas oportunidades de emprego ou pela deportação, o processo migratório para as Guianas deve ser visto e estudado de maneira mais integrada já que:

a maioria dos brasileiros que migram para a Guiana já tinham migrado internamente entre estados brasileiros e/ou outros países vizinhos na Pan-Amazônia. Ao mesmo tempo, tinham planos para sair da Guiana, caso o país apertasse com os migrantes brasileiros. Observa-se que os migrantes mantêm, até hoje, uma forte rede social, entre migrantes e migrantes em potencial, que serve de troca rápida de informações sobre o processo migratório e a adaptação (CORBIN, 2007). Assim, podemos esperar uma queda na migração brasileira para a Guiana e um aumento na migração brasileira para outros países vizinhos como o Suriname, a Venezuela e/ou a Guiana Francesa, caso o Governo da Guiana realmente execute o plano para reduzir a expedição de carteira de trabalho aos estrangeiros

inclusive para brasileiros e aumente a fiscalização contra migrantes clandestinos (CORBIN, 2016, p. 160).

Jubithana-Fernand (2009) salienta que muitos brasileiros clandestinos vivem no Suriname, onde é mais fácil morar ilegalmente e os custos de moradia são mais baixos, mas que atravessam a fronteira para trabalhar na Guiana Francesa. Nos casos da Guiana e do Suriname, Corbin (2012a) e Jubithana-Fernand (2009), respectivamente, observaram que os governantes são mais tolerantes que na Guiana Francesa, conforme registrado por Arouck (2002) e Pinto (2012). Como Pinto (2012) apontou, para muitos brasileiros clandestinos na Guiana Francesa, até a deportação virou rotina e os brasileiros acabam tentando entrar outras vezes. No caso da Guiana, Corbin (2012a) salientou que existe uma percepção entre os migrantes brasileiros de que a Embaixada do Brasil na Guiana “existe somente” para encaminhar o processo de deportação de brasileiros. Mas, nos trabalhos de campo em 2006/2007 e em 2015, Corbin (2007, 2016) presenciou inúmeros casos em que brasileiros ilegais foram abordados pelas autoridades e ninguém foi deportado. Mas, sim, alguns foram obrigados a deixar “um dinheiro” ou a comprar umas garrafas de bebidas para os fiscais nas áreas de garimpo.

Após o retorno ao Brasil, para vários fins, inclusive para matar as saudades da família, levar ou gastar dinheiro acumulado nas Guianas, os migrantes regulares retornam novamente por várias vezes em busca de emprego e para *arrumar* dinheiro, ouro ou diamante, antes de retornar definitivamente ao Brasil. Apesar de serem poucos, alguns desejam legalizar-se para poder fixar residência na Guiana ou no Suriname. Porém, esse desejo pode ser um sonho entre muitos, como o de legalizar-se e fixar residência na Guiana Francesa, principalmente devido aos benefícios socioeconômicos do Estado francês.

## REMESSAS DOS BRASILEIROS NAS GUIANAS: O QUE SABEMOS?

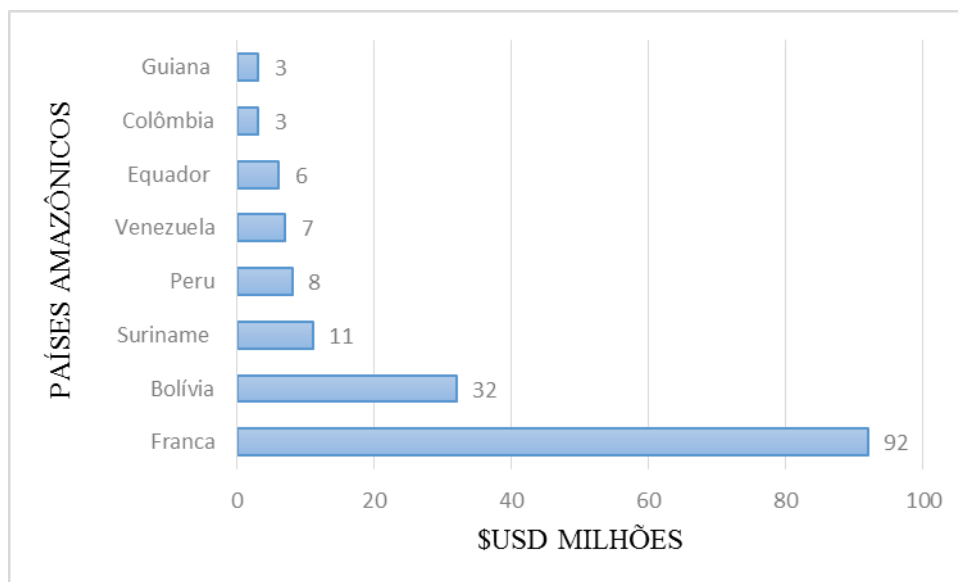
Além da breve menção sobre o envio de dinheiro e mercadorias (remessas) pelos brasileiros nas Guianas, a literatura sobre o assunto parece praticamente inexistente. Talvez, a falta de interesse pela comunidade acadêmica possa ser justificada pelo fato de que as remessas contam somente com 0,2% do PIB brasileiro em 2015 em comparação com outros países na ALC, como Haiti, Honduras, Guatemala e Guiana, nos quais remessas contaram com 24,7%, 18,2%, 10,3% e 9,3%, do PIB, respectivamente, em 2015 (WORLD BANK, 2015).

Crush (2011) argumenta que sendo a migração Sul-Sul estimada em 45% da migração mundial, o fluxo de remessas entre países em desenvolvimento deve ter alguma relevância para o seu desenvolvimento, especialmente para países limítrofes. Embora não mensurados nos estudos pioneiros do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), existem fluxos de remessas de brasileiros que migram para países vizinhos como as Guianas (CORBIN, 2009).

No Brasil, em 2015, as remessas monetárias contaram com aproximadamente US\$ 2.897 milhões, mas

representavam apenas 0,2% do PIB brasileiro (WORLD BANK, 2015). No mesmo ano, US\$3 milhões foram enviados da Guiana para o Brasil, e US\$11 milhões enviados do Suriname para o Brasil (Figura 1).

**Figura 1** - Fluxos de remessas monetárias para o Brasil de países amazônicos, 2015



**Fonte:** World Bank, 2015.

**Nota:** não existem dados desagregados para a Guiana Francesa e França.

Apesar da ausência de dados desagregados para a Guiana Francesa e a França, os agregados mostraram que US\$ 92 milhões foram enviados da França para o Brasil. Apesar das remessas monetárias, enviadas por canais formais, contarem com apenas 0,2% do PIB brasileiro, as peculiaridades no envio de remessas de milhares de brasileiros clandestinos nas Guianas devem ser analisadas e levadas em consideração com certa diferenciação. Nesse sentido, sempre lembrando que a própria maneira ilegal em que essas remessas são transferidas pode obscurecer o montante verdadeiro de remessas monetárias enviadas para o Brasil. Outro fator que merece atenção é o fato do processo migratório ser caracterizado por múltiplos retornos (sazonal) de migrantes, que levam remessas não monetárias, inclusive televisores, roupas, calçados e eletrodomésticos. Se essas forem contabilizadas, é possível que as remessas totais sejam muito maiores.

No tocante aos países amazônicos, a literatura sobre migração e remessas se concentra quase que exclusivamente sobre os impactos da migração e as remessas no desenvolvimento econômico dos países em via de desenvolvimento, como é o caso da Guiana e de outros países na América Latina e Caribe (ALC), cujos PIB são alimentados de maneira significativa por fluxos de remessas monetárias, principalmente de países desenvolvidos (CORBIN, 2012b). No caso específico da Amazônia brasileira, a literatura é escassa sobre o assunto. Contudo, com referência às remessas enviadas por mulheres brasileiras, Hazeu (2014, p. 177) salientou que:



as remessas e os investimentos das mulheres que estão em outros países ou voltaram de lá para o Brasil mudaram, a conta gotas, a paisagem da periferia, como novas casas construídas, pequenos prédios com apartamentos (quitinetes) para alugar e lojas e bares. Não se trata de nenhuma revolução em termos de moradia, nem em quantidade nem em qualidade – ou seja, são poucas casas e não se identifica nenhuma influência direta na arquitetura ou forma de construção. Os investimentos significam, porém, uma mudança na qualidade de vida dos familiares e nas perspectivas de trabalho, o que se reflete nos sonhos de outros moradores, principalmente nas mulheres que observaram o exemplo de sucesso de algumas mulheres em sua vizinhança como possibilidade de mudança.

Considerando as desigualdades regionais no Brasil e a condição precária de milhares de habitantes da Região Amazônica (CORBIN, 2012b), a importância das remessas não deve ser ignorada pelos formuladores de políticas públicas e de cooperação bi(multi)laterais, visando à integração da Amazônia brasileira com a Guiana, o Suriname e a Guiana Francesa. O mesmo assunto não deve ser negligenciado pela comunidade acadêmica. Até agora, além do Tratado de Cooperação Amazônica de 1978,<sup>9</sup> existem distintos acordos bilaterais sobre diversas áreas de interesse, inclusive transporte e comércio, mas ainda falta o reconhecimento da importância de acordos sobre migração, visando ao desenvolvimento recíproco dos países envolvidos.

## CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

A proximidade da Amazônia brasileira com as Guianas e as redes sociais construídas ao longo dos anos, explicam, em parte, a emigração dessa região em direção à Guiana, ao Suriname e à Guiana Francesa. Além disso, existe uma circulação de brasileiros conforme as condições socioeconômicas e a fiscalização ambiental nas áreas de garimpo nesses territórios. Os acordos diplomáticos e a não exigência de vistos para entrar na Guiana e no Suriname, bem como a porosidade das fronteiras amazônicas, aumentam o acesso às Guianas. Contudo, ainda falta o reconhecimento entre os governantes do Brasil e das Guianas para considerar e aproveitar esses migrantes, que mesmo com baixa escolaridade, são ambiciosos, o que pode ser comprovado pelo esforço de desafiar a vida para uma sobrevivência em terras estrangeiras, como agentes de desenvolvimento, e não somente como obstáculos a ele, como costumam ser vistos.

Com tal reconhecimento e arranjos institucionais implementados, seja para legalização de trabalhadores temporários em setores estratégicos como mineração/garimpagem, seja para a cobrança de impostos desses trabalhadores e incentivando microinvestimentos nas Guianas, os benefícios socioeconômicos para as Guianas podem inclusive ser maiores a longo prazo. Sem tal, os migrantes serão forçados a trabalhar ilegalmente, enviar remessas para o Brasil e retornar definitivamente, depois de algumas idas e vindas.

---

<sup>9</sup> A França não é parte contratante desse tratado (ARAGÓN, 2013).



## REFÊNCIAS

ARAGÓN, L. E. *Amazônia, conhecer para desenvolver e conservar: cinco temas para um debate*. São Paulo: Hucitec, 2013.

ARAGÓN, L. E. Para uma agenda de pesquisa sobre as migrações internacionais na Amazônia. *Biblio 3w Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*, Barcelona, v. 19, n. 1067, p. 1-22, mar. 2014.

AROUCK, R. *Brasileiros na Guiana Francesa: fronteiras e construção de alteridade*. Belém: NAEA/UFPA, 2002.

BASCOM, W. *Remittances Inflows and economic development in selected Anglophone Caribbean countries*. Washington: International Migration and Cooperative Economic Development, 1990. (Working Paper, 58).

CHAVES, D. Periferias, junções e novos espaços: uma compreensão histórica comparativa para novas e antigas geopolíticas no Platô das Guianas. *Revista de Geopolítica*, Natal, v. 7, n. 1, p. 95-111, jan./jun. 2016.

CORBIN, H. Brazilian migration to Guyana as a livelihood strategy: a case study approach. 2007. Dissertação (Mestrado) - Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará. Belém, 2007.

CORBIN, H. Guyanese Migration and Remittances to Guyana: a case study of their potentials and challenges for Guyana's Economy. 2012. Tese (Doutorado)- Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará. Belém, 2012a.

CORBIN, H. *Migração de brasileiros para a Guiana como estratégia de sobrevivência*. Belém: NAEA/UFPA, 2012b.

CORBIN, H. Migração internacional e desenvolvimento: o caso da Guiana. In: ARAGON. L. (Org). *Migração internacional na Pan-Amazônia*. Belém: NAEA/UFPA, 2009. p. 163-184.

CORBIN, H. Observações recentes na migração de brasileiros para o interior da Guiana. In: ARAGON. L.; STAEVIE, P. M. (Orgs.). *Desenvolvimento, integração e conservação da Pan-Amazônia*. Belém: NAEA/UFPA, 2016. p. 155-170.

CORBIN, H. Remessas monetárias e não monetárias: fluxos e integração em políticas de desenvolvimento na América Latina e Caribe. *Paper NAEA*, Belém, n. 324, dez. 2013.

CRUSH, J. Diasporas of the South: Situating the African Diaspora in Africa. In: PLAZA, S.; RATHA, D. *Diaspora for development of Africa*. Washington D.C.: World Bank, 2011. p. 55-78.

GUYANA IMMIGRATION DEPARTMENT. *Statistics on Arrivals and Departures at Lethem 2009-2015*. EveLary. Georgetown, Guyana, 2015.

HAZEU, M. T. *Migração internacional de mulheres na periferia de Belém: idendidades, famílias transnacionais e redes migratórias em uma cidade na Amazônia*. Belém: NAEA, 2014, p. 177.

IBGE. *Censo Demográfico 2010*. Características da população e dos domicílios: resultados do universo. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Acesso em: set. 2012.

IDB - Inter-American Development Bank. *IDB Country Strategy with Suriname, 2011-2015*. Washington, nov. 2011.

JUBITHANA-FERNAND, A. International migration in Suriname. In: ARAGON, Luis Eduardo (Org.). *Migração internacional na Pan-Amazônia*. Belém: NAEA, 2009. p. 185-205.

MARTINS, R. F.; RODRIGUES, C. I. Fronteiras em construção: representações de migrantes brasileiros na Guiana Francesa. *Novos Cadernos NAEA*, Belém, v. 15, n. 1, p. 333-351, jun. 2012.

OLIVEIRA, R. Mobilidade transgressora, geografias ignoradas: itinerários e emaranhados envolvendo territorialidades de garimpeiros no Suriname. 2013. Tese (Doutorado) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PINTO, M. *O fetiche do emprego*. Belém: NAEA, 2012.

PINTO, M. O lugar dos brasileiros no mercado de trabalho da Guiana Francesa: entre velhas e novas experiências. In: ARAGON, Luis Eduardo (Org.). *Migração interna na Pan-Amazônia*. Belém: NAEA, 2013. p. 111-118.

SOARES, C. L.; OLIVEIRA, B. S.; PINTO, M. J. S. Trabalhadores brasileiros na Guiana Francesa: entre a invisibilidade e o desemprego. *PRACS: Revista de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP*, n. 4, p. 129-142, dez. 2011.

TERREY, D. F.; WILSON, S. R. Para que las remesas produzcan resultados. In: \_\_\_\_\_. (Eds.). *Remesas de inmigrantes*. Washington, D.C: Banco Interamericano de Desarrollo, 2005. p. 403-424.

WORLD BANK. *Bilateral Migration Matrix 2010*. 2010. Disponível em: <<http://econ.worldbank.org>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

WORLD BANK. *Migration and Remittances Data*. 2015. Disponível em: <<http://econ.worldbank.org>>. Acesso em: 10 abr. 2017.